

Si pudieras vivir eternamente,
¿Por quién lo harías?

crepúsculo

(TWILIGHT)

WWW.CREPUSCULO.LAPELICULA.COM
WWW.TWILIGHTTHEMOVIE.COM



ide

© 2008 Twentieth Century Fox Film Corporation
creatio film

CÁPITULO 1

PREFÁCIO

Eu nunca pensei muito sobre como eu iria morrer - achei que eu tinha motivos suficientes nos últimos meses - mas mesmo que eu não tivesse, eu não iria imaginar assim. Eu encarei sem respirar através do longo aposento, dentro dos olhos escuros do caçador, e ele olhou agradavelmente de volta pra mim. Com certeza essa foi uma boa forma de morrer, no lugar de outra pessoa, outra pessoa que eu amava. Nobre, até. Que deve ser levado em conta pra alguma coisa. Eu sabia que se eu nunca fosse para Forks, eu não estaria encarando a morte agora. Mas, aterrorizada como eu estava, eu não podia me fazer lamentar a decisão.

À PRIMEIRA VISTA Minha mãe me levou ao aeroporto com as janelas abaixadas. Estava fazendo 24°C em Phoenix, o céu estava um azul perfeito e sem nuvens. Estava vestindo minha camiseta preferida: sem mangas, de renda furadinha. Usava-a como um gesto de despedida. Minha bagagem de mão era um parka. Na Península Olímpica, no noroeste do estado de Washington, nos Estados Unidos, existe uma cidadezinha chamada Forks que está quase que constantemente coberta por nuvens. Nessa cidade desimportante chove mais do que em qualquer outro lugar do país. Foi dessa cidade e da sua sombra depressiva e onipresente que minha mãe fugiu comigo quando eu tinha só alguns meses de vida. Era nessa cidade que eu era obrigada a passar todos os verões até completar 14 anos. Aquele foi o ano em que bati o pé. Então, nos últimos três verões, meu pai, Charlie, passou duas semanas de férias comigo na Califórnia. Agora era em Forks que ia me exilar, algo que fiz com muito custo. Eu detestava Forks. Eu amava Phoenix. Amava o sol e o calor escaldante. Amava a cidade vigorosa e grande. — Bella — minha mãe me disse - pela milésima vez - antes de eu entrar no avião. — Você não precisa fazer isso.

Minha mãe parece-se comigo, exceto pelo cabelo curto e pelo rosto risonho. Senti um espasmo ao encarar os olhos infantis e bem abertos dela. Como poderia deixar minha amorosa, errática e ingênua mãe para se cuidar sozinha? Claro, ela tinha o Phil agora, então as contas provavelmente seriam pagas, haveria comida na geladeira, gasolina no carro, e alguém pra ligar quando ela se perdesse, mas ainda assim... — Eu quero ir — eu menti. Sempre fui uma péssima mentirosa, mas já estava contando essa mentira tão freqüentemente por esses dias que agora já soava quase convincente. — Diz 'oi' para o Charlie por mim. — Pode deixar. — Verei você logo — ela insistiu. — Pode voltar pra casa quando quiser. Virei assim que você precisar. Mas pude perceber o sacrifício em seus olhos, por trás da promessa. — Não se preocupe comigo — eu pedi — Vai ser ótimo. Amo você, mãe. Ela me abraçou apertado por um tempo, então entrei no avião e ela se foi. De Phoenix para Seattle o vôo dura quatro horas, mais uma hora num pequeno avião até Port Angeles, e então uma hora de carro até Forks. O vôo não me incomodava, já passar uma hora num carro com Charlie estava me preocupando. Charlie estava sendo até legal sobre essa história toda. Ele

parecia genuinamente feliz que eu iria morar com ele. Quando o avião pousou em Port Angeles, estava quase que permanentemente pela primeira vez. Ele já estava chovendo. Não achei que fosse um mau presságio, só tinha me matriculado na escola e ia me ajudar a fazer a matrícula. Já tinha me despedido do sol. Charlie estava me esperando no carro-patrulha. Já era de se esperar. Charlie é o Chefe de Polícia para os bons cidadãos de Forks. Meu motivo maior para comprar um carro, apesar da escassez dos meus rendimentos, confuso com a minha decisão - como minha mãe já havia feito antes de mim, eu nunca tinha escondido um carro com luzes vermelhas e azuis em cima. Nada melhor pra fazer o trânsito andar devagar do que um policial. Charlie me deu um abraço meio estranho, de um braço só, quando sai tropeçando do avião. — Bom te ver, Bells. — ele disse sorrindo, enquanto automaticamente me segurava para eu não cair. — Você não mudou muito. Como vai Renée? — Mamãe vai bem. É bom te ver também, pai. — ele não me deixava chamá-lo de Charlie. Só tinha trazido algumas malas. A maior parte das roupas que usava no Arizona eram muito permeáveis para usar em Washington. Minha mãe e eu tínhamos nos juntado para complementar meu guarda-roupa com roupas de inverno, mas ainda tinha pouca coisa. Coube tudo na mala do carro-patrulha, facilmente. — Achei um bom

carro para você, bem barato. — ele anunciou quando — Que tipo de carro? — achei suspeito a maneira já estávamos no carro. como ele disse "carro bom para você", ao invés de só "carro bom". — Bem, na verdade é uma caminhonete, um Chevrolet. — Onde o achou? — Lembra-se de Billy Black, de La Push? — La Push é a pequena reserva indígena na costa. — Não. — Ele costumava ir pescar conosco no verão. — Charlie ofereceu ajuda. Isso explicaria porque eu não lembrava dele. Me dou bem em bloquear da minha memória coisas dolorosas e desnecessárias. — Ele está numa cadeira de rodas agora — Charlie continuou quando não respondi — então não pode dirigir mais, por isso se ofereceu para vender a caminhonete bem barato. — De que ano é? — pude ver pela mudança de expressão que essa era uma pergunta que ele esperava que eu não fosse fazer. — Bem, Billy trabalhou bastante no motor - só tem alguns anos. Esperava que ele não fosse achar que eu desistiria assim tão fácil. — Quando ele comprou a caminhonete? — Acho que foi em 1984. — Era nova quando ele comprou? — Na verdade, não. Acho que era nova no começo dos anos 60 - ou no fim dos 50, no máximo. — ele admitiu, envergonhado. — Ch... pai, não sei muito sobre carros. Não saberia consertar nada se estragasse, e não poderia pagar um mecânico... —

Realmente, Bella, a coisa anda direito. Não fazem
A coisa, pensei comigo mesma... era uma
mais carros como aquele.

possibilidade - como apelido, no mínimo. — Barato é quanto? — afinal, essa era a parte onde eu não podia abrir mão. — Bem, querida, eu meio que já comprei ele pra você. Um presente de boas-vindas. — Charlie espiou para o meu lado, com uma expressão esperançosa no rosto. Uau. De graça. — Não precisava fazer isso, pai. Eu ia comprar o carro eu mesma. — Eu não me importo. Quero que você seja feliz aqui. — Ele olhava em frente na estrada quando falou isso. Charlie não ficava confortável ao expressar suas emoções em voz alta. Eu herdei isso dele. Então olhava bem pra frente quando respondi. — Isso foi muito legal, pai, obrigada. Fico muito agradecida. — não precisava adicionar que eu ser feliz em Forks era uma impossibilidade. Ele não precisava sofrer comigo. E eu nunca recusaria uma caminhonete de graça.— Bem, então, de nada. — ele murmurou, envergonhado com o meu agradecimento. Trocamos mais alguns comentários sobre o tempo, que estava molhado, e era isso em termos de conversa. Ficamos olhando pela janela em silêncio. Era lindo, claro, não podia negar isso. Tudo era verde: as árvores, os troncos cobertos de musgo, os galhos pendurados formando

uma cobertura, o chão coberto com plantas. Até Finalmente chegamos na casa do Charlie. Ele ainda mesmo o ar ficava meio verde ao passar pelas folhas. vivia na casa pequena, de dois quartos, que ele Era muito verde - um planeta alienígena. comprara com minha mãe logo que se casaram. Esse foi o único período do casamento deles. Ali, estacionada na rua em frente à casa que nunca mudara, estava minha nova - bem, nova para mim - caminhonete. Era uma cor vermelha desbotada, com uma grande cabina e enormes calotas. Para minha grande surpresa, eu amei. Não sabia se ela ia andar, mas conseguia me imaginar dentro dela. Ainda por cima, era uma daquelas coisas sólidas de ferro, que nunca se amassam - do tipo que se vê num acidente nem arranhada, circundada pelos pedaços do carro que ela tinha destruído. — Uau, pai, adorei! Obrigada! — agora meu dia horrível que seria amanhã iria ser um pouco menos horroroso. Eu não precisaria escolher entre andar na chuva por mais de três quilômetros ou aceitar uma carona no carro-patrulha para chegar no colégio. — Fico feliz que você tenha gostado. — Charlie disse, envergonhado de novo. Só precisou uma viagem para levar todas as minhas coisas para o andar de cima. Fiquei com o quarto que tinha janela para o pátio da frente. O quarto me era familiar. Era meu desde que tinha nascido. O chão de

madeira, as paredes azul claro, o teto curvado, as cortinas de renda já amareladas - tudo isso fez parte da minha infância. As únicas mudanças que Charlie tinha feito fora por eu ter crescido: mudou o berço por uma cama e colocou um escrivaninha. A escrivaninha sozinha para desfazer minhas malas e me ajeitar, uma agora tinha um computador de segunda-mão, com o fio do telefone para a internet grampeada pelo chão minha mãe. Era bom poder estar sozinha e não ter que ficar sorrindo e parecer feliz. E era um alívio tinha sido estipulado por minha mãe, para que pudéssemos manter contato fácil. A cadeira de deixar escaparem algumas lágrimas. Não estava afim de começar uma choradeira. Guardaria isso para a canto.

hora de dormir, quando fosse pensar na manhã qA Escola de Forks tinha o aterrorizante total de apenas trezentos e cinquenta e sete - agora cinquenta e oito - alunos. Só no meu ano, lá em Phoenix, havia mais de setecentos alunos. Todo mundo aqui tinham crescido juntos - seus avós tinham sido bebês juntos. Eu seria a garota nova da cidade grande. Uma curiosidade, uma aberração. Talvez se eu parecesse com uma garota de Phoenix isso poderia ser uma vantagem. Mas fisicamente eu nunca me encaixaria em lugar algum. Eu deveria ser bronzeada, esportiva, loira - jogadora de vôlei, ou líder de torcida, talvez - essas coisas associadas ao vale do sol.

No lugar disso, eu tinha pele branca apesar do sol constante, sem nem ter a desculpa de ter olhos azuis ou cabelos ruivos. Sempre fora meio magra, mas nem tanto, obviamente não era atleta. Não tinha a coordenação motora necessária para praticar esportes sem me humilhar - e machucar a mim mesma ou qualquer um parado muito perto de mim. Quando terminei de colocar minhas roupas no velho guarda-roupa de pinho, peguei minha bolsa de produtos de beleza e fui ao banheiro comunal para me lavar depois do dia de viagem. Olhei para meu rosto no espelho enquanto penteava meu cabelo embaraçado e úmido. Talvez fosse a luz, mas eu já parecia mais pálida, pouco saudável. Minha pele poderia ser bela - era bem clara, parecia transparente - mas tudo dependia da cor, e eu não tinha isso. Encarando meu reflexo pálido no espelho fui obrigada a admitir que estava mentindo para mim mesma. Não era só fisicamente que eu nunca me encaixaria. E seu eu não conseguia achar um lugar para mim numa escola com três mil pessoas, quais eram minhas chances aqui? Eu não me relacionava bem com pessoas da minha idade. Talvez a verdade fosse que eu não me relacionava bem com as pessoas, ponto. Até minha

mãe, que era a pessoa mais próxima de mim no planeta, nunca estava em harmonia comigo, nunca chorado tudo que precisava. O barulho constante da chuva e do vento no telhado não saiam da minha mente. Puxei a coberta desbotada sobre minha cabeça e depois adicionei o travesseiro também. Mas não consegui dormir até depois da meia-noite, quando não importava. O que importava era o resultado. E amanhã seria só começo.

Cerração fechada era tudo que conseguia ver pela minha janela de manhã, e pude sentir a claustrofobia começada. Não se podia ver o céu aqui, era quase uma jaula. O café-da-manhã com Charlie foi um evento silencioso. Ele me desejou boa-sorte na escola. Eu agradei, sabendo que as esperanças dele eram inúteis. Boa-sorte tinha a tendência de me evitar. Charlie saiu primeiro, indo para o posto policial que era sua esposa e família. Depois que ele saiu, sentei à velha mesa quadrada em uma das três cadeiras que não combinavam entre si e examinei sua pequena cozinha, suas paredes com painéis escuros, armários amarelo brilhante, e piso de linóleo branco. Nada mudara. Minha mãe pintara os armários dezoito anos antes na tentativa de trazer alguma luz para a casa. Sobre a pequena lareira, na sala do tamanho de um lenço que ficava logo ao lado da cozinha, havia uma

fileira de fotos. A primeira era uma do casamento de Era impossível, estando nessa casa, não perceber que Charlie e minha mãe em Las Vegas, uma de nós três Charlie nunca tinha superado minha mãe. Isso me no hospital quando eu nasci, tirada por uma fazia ficar desconfortável. Eu não queria chegar cedo enfermeira prestativa, seguida de uma procição de demais na escola, mas não podia ficar mais na casa, fotos escolares minhas até o último ano. Essas eram Vesti meu casaco - que me fazia sentir como numa embaraçosas de se ver - teria que ver se convencia roupa anti-nuclear - e sai para a chuva. Ainda Charlie a colocá-las em outro lugar, pelo menos chuviscava, mas não o suficiente para me molhar enquanto eu estivesse morando aqui.

muito enquanto procurava pelas chaves da casa que sempre ficavam escondidas nas plantas perto da porta e a trancava. O barulho das minhas novas botas à prova d'água era irritante. Sentia falta do barulho normal de cimento quando caminhava. Não pude parar para admirar minha nova caminhonete como queria. Estava com pressa para sair da névoa molhada que rondava minha cabeça e se grudava no meu cabelo por baixo do capuz. Dentro da caminhonete estava seco e bom. Obviamente, Billy ou Charlie tinham limpado o carro, mas os assentos ainda cheiravam vagamente à tabaco, gasolina e menta. O motor ligou rápido, para meu alívio, mas bem alto, ganhando vida ruidosamente e então chegando ao volume máximo. Bom, uma caminhonete velha assim tinha que ter um defeito. O rádio velho funcionava, uma vantagem que eu não esperava.

Achar a escola não foi difícil, apesar de nunca ter estado lá antes. Ela ficava, assim como a maioria das coisas, bem perto da estrada. Não era obviamente uma escola, foi o painel, onde dizia "Escola de Forks", que me fez parar. Parecia uma coleção de casas geminadas, construídas com tijolos marrons. Havia tantas árvores e moitas que não pude perceber seu tamanho logo no início. Onde estava a aparência de lugar público? Me perguntava nostálgicamente. Onde estavam as cercas e os detetores de metais?

Estacionei em frente ao primeiro prédio, onde havia uma pequena placa que dizia "secretaria". Não havia mais carros estacionados ali, então tive certeza de que era proibido, mas decidi que pegaria instruções lá dentro ao invés de ficar andando em círculos na chuva como uma idiota. Saí a contragosto da caminhonete quentinha e fui por um caminho de pedra circundado por uma sebe escura. Respirei fundo antes de abrir a porta. Lá dentro estava bem iluminado e bem mais quente do que imaginava. A secretaria era pequena, com uma pequena sala de espera com cadeiras dobráveis, carpete laranja, avisos e prêmios abarrotados pelas paredes e um grande e ruidoso relógio. A sala era partida ao meio por um grande

balcão, cheia de cestas de arame repletas de papéis e — Sou Isabella Swan — informei-lhe, e vi seus olhos anunciarem reconhecimento imediato. Eu era três mesas atrás do balcão, uma delas ocupada por esperada, tópico de fofocas, com certeza. A filha da uma mulher ruiva e grande, usando óculos. Ela vestia ex-mulher do chefe de polícia finalmente retorna à uma camiseta roxa, que imediatamente me fez sentir casa. — Claro — ela disse. Ela percorreu uma pilha precária de documentos em sua mesa até achar os ajuda-la?

que procurava. — Seu horário está aqui, e um mapa da escola. — Ela trouxe várias folhas até o balcão para me mostrar. Ela me ditou todas as minhas aulas, mostrando-me no mapa a melhor maneira de chegar até elas, e me deu um papel para que todos os professores assinassem, que deveria trazer de volta no fim do dia. Ela sorriu para mim e desejou, como Charlie, que eu gostasse de Forks. Sorri de volta da maneira mais convincente possível. Quando cheguei de volta na caminhonete, outros alunos começavam a chegar. Fui atrás do tráfego, contornando a escola. Fiquei feliz ao ver que a maior parte dos carros eram velhos como o meu, nada muito chique. Em casa eu morava num dos poucos bairros de classe baixa que estavam incluídos no Distrito Paradise Valley. Era comum ver um Mercedes ou Porsche novo no estacionamento dos alunos. O carro mais legal aqui era um brilhante Volvo, que se sobressaía. Mesmo

assim, logo que estacionei desliguei o motor, para que Enfiar tudo dentro da mochila, coloquei a alca sobre o ombro e respirei bem fundo. "Posso fazer isso", menti Olhei para o mapa na caminhonete, tentando memorizá-lo agora, esperando que não fosse precisar Eu finalmente exalei e saí do carro. Fiquei com o rosto coberto pelo capuz enquanto caminhava até a calçada, cheia de adolescentes. Meu casaco preto e simples não se destacava na multidão, percebi com alívio .Assim que cheguei no refeitório era fácil de ver o prédio três. Um grande "3" estava pintado num quadrado branco no casto leste do prédio. Senti minha respiração acelerar cada vez mais enquanto me aproximava da porta. Tentei segurar minha respiração enquanto seguia duas capas de chuva unisex através da porta. A sala de aula era pequena. As pessoas na minha frente pararam assim que entraram na sala para pendurar seus casacos numa longa fileira de ganchos.Fiz o mesmo. Eram duas garotas. Uma loira com pele de porcelana, outra, também com a pele clara, tinha cabelos castanho claro. Pelo menos a minha pele não se destacaria aqui.

Levei o papel para o professor, um homem alto e calvo. Sua mesa tinha uma placa que o identificava como Sr. Mason. Ele ficou me olhando assim que leu meu nome - o que não era encorajador - e lógico que fiquei vermelha igual a um tomate. Mas pelo menos ele me mandou sentar numa classe vazia no fundo da sala sem me apresentar à turma. Era mais difícil para meus colegas ficarem me encarando enquanto eu estava no fundo da sala, mas de alguma forma eles conseguiam. Fixei meu olhar na lista de leitura que o professor tinha me dado. Era bem básica: Brontë, Shakespeare, Chaucer, Faulkner. Já tinha lido todos. Isso era reconfortante... e chato. Fiquei pensando se minha mãe me mandaria minha pasta de trabalhos velhos, ou se ia pensar que isso era colar. Fiquei pensando em diferentes discussões que teria com ela enquanto Quando bateu o sinal, um garoto meio desajeitado, alto, com problemas de pele e cabelo preto como carvão se encostou no batente da porta para falar comigo. — Você é Isabella Swan, não é? — ele parecia do tipo muito prestativo, parte do clube de xadrez. — Bella — corriji. Todo mundo em volta se virou para me olhar. — Onde é sua próxima aula — ele perguntou. Precisei olhar na mochila. — Hm, Governo,

com o professor Jefferson, no prédio seis. Não havia para onde olhar sem encontrar olhos curiosos. — Estou indo para o prédio quatro, posso te mostrar o caminho... — definitivamente muito prestativo. — Sou Eric. — Ele adicionou. Sorri discretamente. — Obrigada.o o professor falava.

Quando bateu o sinal, um garoto meio desajeitado, alto, com problemas de pele e cabelo preto como carvão se encostou no batente da porta para falar comigo. — Você é Isabella Swan, não é? — ele parecia do tipo muito prestativo, parte do clube de xadrez. — Bella — corriji. Todo mundo em volta se virou para me olhar. — Onde é sua próxima aula — ele perguntou. Precisei olhar na mochila. — Hm, Governo, com o professor Jefferson, no prédio seis. Não havia para onde olhar sem encontrar olhos curiosos. — Estou indo para o prédio quatro, posso te mostrar o caminho... — definitivamente muito prestativo. — Sou Eric. — Ele adicionou. Sorri discretamente. — Obrigada. Pegamos nossos casacos e saímos para a chuva, que tinha ficado mais forte. Poderia jurar que muitas das pessoas andando atrás de nós estavam perto o bastante para ficar ouvindo a conversa. Desejei não estar ficando paranóica. — Então, aqui é bem diferente de Phoenix, hein? — ele perguntou. — Muito. — Não chove muito lá, não é? — Três ou quatro vezes por ano. — Uau, como será que é isso? — ele ficou imaginando. — Ensolarado. — eu lhe disse. — Você não parece bronzeada. — Minha mãe é parte albina.

Ele analisou meu rosto com apreensão e eu suspirei. Parecia que nuvens e senso de humor não se misturavam. Alguns meses disso aqui e eu esqueceria como se usa sarcasmo. Andamos de volta ao redor do refeitório, em direção aos prédios que ficavam no sul, ao lado do ginásio. Eric me levou até a porta, apesar de estar bem claro que aquele era o prédio. — Bem, boa sorte. — Ele disse enquanto eu alcançava a maçaneta. — Talvez tenhamos outras aulas juntos. — Ele soava esperançoso. Sorri vagamente para ele e entrei. O resto da manhã passou da mesma maneira. Meu professor de trigonometria, o Sr. Varner, a quem eu detestaria de qualquer forma por causa da matéria que ensinava, foi o único que me fez ficar na frente da turma e me apresentar. Eu gaguejei, fiquei vermelha, e tropecei no caminho para a minha classe. Depois de duas aulas, comecei a reconhecer muitos dos rostos em cada uma delas. Sempre havia aqueles que eram mais corajosos e vinham se apresentar e me perguntar se estava gostando de Forks. Tentei ser diplomática, mas o que mais fiz foi mentir bastante. Pelo menos não precisei usar o mapa. Uma garota sentou do meu lado em ambas Trigonometria e Espanhol, e foi comigo até o refeitório na hora do

almoço. Ela era bem baixinha, com vários centímetros Sentamos no final de uma mesa cheia dos amigos do que os meus 1,65m, mas o cabelo escuro e dela, os quais ela me apresentou. Esqueci os nomes encaracolado ajudava a balancear nossa diferença de assim que ela os disse. Eles pareciam impressionados alturas! Não conseguia lembrar o nome dela, então eu com a coragem dela para falar comigo. O garoto do sorria e balançava a cabeça enquanto ela discorria Inglês. Eric, acenou para mim do outro lado do sobre os professores e sobre as aulas. Não tentei refeitório. Foi ali, sentada no refeitório, tentando acompanhar a conversa.

conversar com vários estranhos curiosos, que eu os vi pela primeira vez. Eles estavam sentados num canto do refeitório, o mais longe possível de onde eu estava. Eram cinco. Não conversavam e não comiam, apesar de cada um deles ter uma bandeja intocada de comida na sua frente. Eles não estavam me encarando, como a maior parte dos outros alunos, então era seguro ficar olhando para eles sem ter medo de encontrar um par de olhos excessivamente interessado. Mas não foi nenhuma dessas coisas que chamou, e prendeu, minha atenção. Eles não se pareciam em nada. Dos três garotos, um era grande - musculoso como um levantador de peso profissional, com cabelo escuro e encaracolado. Outro era alto, mais magro, mas ainda musculoso, e com cabelo loiro escuro. O outro era mais magro, menos musculoso, com cabelo cor de bronze, meio bagunçado. Ele parecia mais jovem do que os outros, que pareciam que poderiam

estar na faculdade, ou até mesmo serem professores
As garotas eram opostas. A mais alta era
ao invés de alunos!
maravilhosa. Ela tinha uma silhueta linda, do tipo que
se vê na capa da revista Sports Illustrated, na edição
de roupas de banho, e daquelas que fazem as outras
garotas se sentirem mal consigo mesma só por
estarem na mesma sala. O cabelo dela era dourado,
gentilmente balançando até o meio das costas. A
outra garota era mais baixa e parecia uma fadinha.
Bem magra, com feições pequenas. O cabelo dela era
totalmente preto, cortado curtinho e apontando para
todas as direções. E ainda assim, eles se pareciam
muito. Todos eram muito pálidos, os mais pálidos de
todos os alunos dessa cidade sem sol. Mais pálidos do
que eu, a albina. Todos tinham olhos bem escuros,
apesar da diferença na cor dos cabelos. Além disso,
eles tinham olheiras - sombras arroxeadas, como
machucados. Como se todos eles tivessem passado a
noite em claro, ou quase se recuperando de ter o nariz
quebrado. Apesar de seus narizes, de todas as partes
de seus corpos, serem perfeitamente retos e
angulares. Mas não era por causa de tudo isso que não
consequia tirar os olhos deles. Eu os olhava por que
seus rostos, tão diferentes, tão iguais, eram todos
devastadoramente, inumanamente lindos. Eram

rostos que você nunca espera encontrar além de, Era difícil decidir quem era o mais belo. - talvez a talvez, nas páginas editadas de uma revista de moda. perfeita loira, ou o garoto com cabelos cor de bronze. Ou pintadas por um dos velhos mestres como a face. Estavam todos olhando para longe - longe um dos de um anjo.

outros, longe dos outros alunos, longe de qualquer coisa em particular que eu pudesse ver. Enquanto eu olhava a garota mais baixa levantou com a bandeja - o refrigerante fechado, a maçã inteira - e foi embora com um passo rápido e gracioso que deveria estar em uma passarela. Eu fiquei olhando, maravilhada com os passos de dançarina dela, até ela largar a bandeja e sair pela porta de trás, mais rápido do que eu imaginava ser possível. Meus olhos voltaram logo para os outros, — Quem são eles? — perguntei à garota da aula de espanhol, de quem eu não lembrava o nome. Enquanto ela olhava para ver de quem eu estava falando - apesar de já saber, provavelmente, por causa do meu tom de voz - de repente ele olhou para ela, o mais magro, o mais garoto de todos, talvez o mais jovem. Ele olhou para a garota do meu lado por só uma fração de segundo e então seus olhos escuros se dirigiram aos meus. Ele olhou para longe bem rápido, mais rápido do que eu conseguiria, apesar de numa onde de vergonha eu tenha baixado meus olhos na mesma hora..

Naquele pequeno instante, seu rosto não aparentou interesse - era como se ela tivesse chamado o nome dele, e ele olhara numa resposta involuntária, já tendo decidido que não ia responder. A garota do meu lado riu envergonhada, olhando para a mesa, assim como eu. — Aqueles são Edward e Emmett Cullen e Rosalie e Jasper Hale. A que foi embora é Alice Cullen. Todos vivem juntos com o Dr. Cullen e a esposa dele. — Ela falou isso meio entre os dentes. Olhei meio de lado para o garoto lindo, que agora olhava para a bandeja dele, picando um pãozinho com dedos pálidos e longos. Seus lábios se moviam rapidamente, seus lábios perfeitos mal se abrindo. Os outros três ainda olhavam para longe, ainda assim eu sentia que ele estava falando com eles. Nomes estranhos e pouco populares, eu pensei. Os tipos de nomes que avós tinham. Mas talvez fosse moda aqui - nomes de cidade pequena? Finalmente lembrei que a garota ao meu lado se chamava Jessica, um nome perfeitamente comum. Havia duas garotas chamadas Jessica na minha aula de História, em Phoenix. — Eles são... muito bonitos. — lutei contra a óbvia falta de intensidade do que disse. — Sim! — Jessica concordou

dando outro risinho. — Mas eles já estão juntos -
— A voz dela continha todo o choque e reprovação de Emmett e Rosalie, e Jasper e Alice. E moram juntos. uma cidade pequena, pensei criticamente. Mas se eu fosse honesta, teria que admitir que até em Phoenix algo assim seria motivo de fofocas. — Quais são os Cullens? — perguntei — Eles não se parecem... — Ah, mas não são. O Dr. Cullen é bem jovem, tem uns 20 ou 30 e poucos. São todos adotados. Já os Halle são irmão e irmã, gêmeos - são os loiros - e vivem com eles. — Eles não são um pouco velhos pra isso? — Agora sim, Jasper e Rosalie já têm dezoito anos, mas vivem com a Sra. Cullen desde que tinham oito. Ela é tia deles ou algo assim.— Isso é bem legal - deles cuidarem de todas essas crianças assim, sendo tão jovens. — Acho que sim. — Jessica admitiu relutantemente, e fiquei com a impressão de que ela não gostava do doutor e da esposa dela por algum motivo. Com os olhares que ela dava na direção deles, imaginei que o motivo fosse inveja. — Mas acho que a Sra. Cullen não pode ter filhos. — ela disse, como se isso diminuísse a bondade deles. Durante toda essa conversa, meus olhos iam e voltavam para a mesa onde a estranha família estava sentada. Eles continuavam olhando para as paredes e não comendo. — Eles sempre moraram em Forks? — perguntei.

Com certeza eu os teria notado em algum dos meus — Não. — ela disse num tom de voz que implicava que verões aqui. isso era óbvio, até alguém recém chegado como eu deveria saber. — Eles vieram para cá dois anos atrás, vindos de algum lugar no Alasca. Senti uma onda de compaixão, e alívio. Compaixão porque, apesar de serem lindos, eram de fora, claramente não eram aceitos. Alívio porque eu não era a única novata aqui, e certamente não a mais interessante. Enquanto eu os analisava, o mais novo, um dos Cullens, olhou para mim e nossos olhos se encontraram, dessa vez com uma expressão evidente de curiosidade. Enquanto eu esquivava meu olhar, me pareceu que no dele havia alguma expectativa não alcançada.— Qual deles é o garoto de cabelos castanhos avermelhados? — perguntei. Espiei com o canto do olho e ele ainda me encarava, mas não como os outros alunos tinham feito durante todo o dia - a expressão dele era meio frustrada. Olhei para baixo novamente. — Aquele é Edward. Ele é maravilhoso, lógico, mas não perca tempo. Ele não namora. Nenhuma das garotas daqui são bonitas o suficiente para ele, aparentemente. — ela desdenhou, um caso claro de rejeição. Fiquei me perguntando quando ele tinha rejeitado ela.

Mordi o lábio para esconder um sorriso, e então olhei para ele novamente. Seu rosto estava virado para o outro lado, mas me pareceu, pelos músculos do rosto, que ele sorria também. Após mais alguns minutos os outros quatro deixaram a mesa juntos. Todos eram notoriamente graciosos - até mesmo o grandalhão. Era algo desconcertante de se observar. O que se chamava Edward não olhou para mim novamente. Fiquei na mesa com Jessica e seus amigos mais tempo do que ficaria se estivesse sozinha ali. Estava ansiosa para não chegar atrasada nas aulas no meu primeiro dia. Uma das minhas novas conhecidas, que gentilmente me lembrou que seu nome era Angela, tinha Biologia II comigo no próximo período. Fomos juntas para a aula, em silêncio. Ela era tímida também. Quando entramos na sala de aula, Angela foi sentar-se numa mesa de laboratório, com tampa preta, exatamente como as que eu estava acostumada. Ela já tinha um par. Na verdade, todas as mesas estavam ocupadas, com a exceção de uma. Ao lado da fileira do meio, reconheci Edward Cullen por seu cabelo peculiar, sentado ao lado da única cadeira vazia. Enquanto fui até o professor para me apresentar e pedir para que ele assinasse meu papel,

secretamente observava Edward. No momento em que passei, ele ficou rígido de repente. Ele me encarou vermelha novamente. Tropecei num livro e precisei novamente, seus olhos encontraram os meus com a me segurar em uma mesa. A menina sentada ali riu. mais estranha das expressões em seu rosto - era Tinha notado que os olhos dele eram negros, como hostil, furiosa. carvão. O Sr. Banner assinou meu papel e me entregou um livro sem o besteiro das apresentações. Pude prever que nos daríamos bem. Obviamente, ele não tinha escolha a não ser mandar eu me sentar na única classe vazia no meio da sala. Mantive meu olhar baixo enquanto ia sentar ao lado dele, confusa com o olhar maldoso que ele tinha me dado. Não olhei para cima enquanto colocava o livro na mesa e me sentava, mas vi, com o canto do olho, sua postura mudar. Ele estava se inclinando para longe de mim, sentado bem na ponta da cadeira e virando a cara como se eu tivesse cheiro ruim. Discretamente, cheirei meu cabelo. Tinha cheiro de morangos, que era o perfume do meu xampu preferido. Parecia um cheiro inocente o bastante. Deixei meu cabelo cair sobre meu ombro direito, criando uma cortina escura entre nós, e tentei prestar atenção no professor.

Infelizmente a aula era sobre anatomia celular, algo que eu já tinha estudado. Fui fazendo anotações mesmo assim, sempre olhando para baixo. Não conseguia me conter e, de vez em quando, olhava para o garoto estranho ao meu lado, através da cortina de cabelo. Durante a aula toda ele não relaxou de posição, sentado na ponta da cadeira, o mais longe possível de mim. Pude ver que sua mão sobre a perna esquerda estava em punho, os tendões se destacando sob a pele clara. Também não relaxou a mão sequer uma vez. As mangas da sua camisa branca estavam puxadas até os cotovelos, e seu braço era surpreendentemente musculoso. Ele não era tão frágil quanto parecia quando comparado com o irmão. A aula parecia se arrastar mais do que as outras. Será que era por que o dia estava finalmente acabando ou por que esperava que seu pulso fosse relaxar? Ele nunca o fez. Ele estava tão imóvel que parecia que não respirava. Qual era o problema dele? Será que isso era o comportamento normal dele? Me questionei sobre o que tinha pensado sobre a amargura de Jessica durante o almoço. Talvez ela não fosse tão rancorosa como eu pensava.

Não poderia ser comigo. Ele nunca tinha me visto na vida. Espiei de novo e me arrependi. Ele estava me olhando novamente, seus olhos negros cheios de repulsa. Enquanto me afastava dele, me espremendo na cadeira, a frase "se olhar matasse" cruzou minha mente. Naquele momento o alarme bateu alto, me assustando, e Edward Cullen já tinha se levantado. Ele era muito mais alto do que tinha imaginado, e de costas para mim ele se foi fluidamente. Antes que qualquer um dos outros estivesse de pé, ele já tinha saído pela porta. Fiquei congelada no lugar, olhando para ele. Ele era muito mau. Não era justo. Comecei a juntar minhas coisas devagar, tentando bloquear a raiva que me consumia, para não acabar chorando. Por algum motivo, meu humor tinha ligação com meus canais lacrimais. Geralmente chorava quando estava com raiva, uma mania humilhante.— Você não é Isabella Swan? — perguntou uma voz masculina. Olhei para ver um garoto bonitinho, com cara de bebê, o cabelo loiro claro cuidadosamente moldado com gel, sorrindo para mim de um jeito amigável. Ele, com certeza, não achava que eu cheirava mal. — Bella. — corriji com um sorriso. — Sou Mike. — Oi, Mike. — Precisa de ajuda pra encontrar sua próxima aula? —

Na verdade, estou indo para o ginásio. Acho que fomos para a aula juntos. Ele era um conversador - consegui achá-lo. — Essa é minha próxima aula ele falava bastante, o que facilitava para mim. Ele também. — ele parecia extasiado, apesar de não ser tinha morado na Califórnia até os dez anos, então ele muita coincidência numa escola tão pequena. me entendia com relação ao sol. E ele estava na minha aula de inglês também. Tinha sido a pessoa mais legal que conhecera aquele dia. Mas enquanto entrávamos no ginásio ele perguntou — Então, você fincou o lápis no Edward Cullen ou o quê? Nunca o vi agir assim. Então não tinha sido só eu que notara. E, aparentemente, não era assim que ele se comportava normalmente. Decidi bancar a desentendida. — Era o garoto sentado do meu lado em biologia? — perguntei ingenuamente. — Sim. — ele disse — Parecia que ele estava com dor ou algo parecido. — Não sei. — respondi — Nunca conversei com ele. — É um cara estranho. — Mike ficou por ali ao invés de ir para o vestiário. — Se eu tivesse tido a sorte de sentar do seu lado, teria conversado com você. Sorri para ele antes de ir para o vestiário das meninas. Ele era legal e claramente gostava de mim, mas isso não foi o bastante para diminuir minha irritação. O professor de Educação Física, Treinador Clapp, me deu um uniforme mas não me fez vesti-lo para a aula. Em Phoenix, só dois anos de EF eram obrigatórios, aqui,

era obrigatório durante todos os anos. Forks
Quando entrei na quente secretaria, quase me virei e literalmente era o meu inferno na Terra. Assisti a saí de novo. Edward Cullen estava parado à mesa logo quatro jogos de vôlei ao mesmo tempo. Lembrando na minha frente. Novamente reconheci aquele cabelo quantas vezes tinha machucado a mim mesma - e os cor de bronze e desarrumado. Ele pareceu não outros - jogando vôlei, me senti nauseada. O sinal perceber a minha entrada. Me encostei na parede, tocou finalmente. Fui lentamente até a secretaria esperando a recepcionista poder me atender. Ele para entregar minha papelada. A chuva tinha parado, estava conversando com ela numa voz baixa e mas o vento estava mais forte e mais frio. Me enrolei atraente. Logo peguei o motivo da conversa: ele queria mais nas roupas.
trocar o período da aula de biologia para outro horário, qualquer outro. Não podia acreditar que era por minha causa. Tinha que ser outra coisa, algo que acontecera antes de eu entrar na sala. A expressão em seu rosto tinha que ser por outro motivo. Era impossível que esse estranho tivesse me detestado tanto assim, tão subitamente. A porta abriu novamente, e o vento frio entrou de repente, levantando os papéis sobre a mesa, jogando meu cabelo sobre meu rosto. A garota que entrara simplesmente chegou na mesa, colocou um bilhete na cesta de arame e saiu novamente. Mas Edward Cullen ficou rígido e se virou lentamente para me olhar - o rosto dele era absurdamente lindo - com olhos fulminantes e cheios de ódio. Por um instante senti puro medo, levantando os pêlos dos meus braços. O olhar só durou um segundo, mas me

congelou mais do que o vento enregelante. Ele se virou novamente para a recepcionista.